

Doze teses para o enfrentamento da Ultradireita

Twelve theses to stand up to the Far Right


REVISTA
com política

revista compolítica
2022, vol. 12(1)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2022.12.1.594

 Open Access Journal

Resenha de *The Far Right Today*, de Cas Mudde.

Review of 'The Far Right Today', from Cas Mudde.

Fabio Melo Minervini

Universidade de São Paulo
University of São Paulo

João Guilherme Bastos dos Santos

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para a Democracia Digital
Brazilian National Institute of Science & Technology for Digital
Democracy

Resumo

'The Far Right Today' traça o histórico, as clivagens e perfis da radicalização de instituições à direita do espectro político, articulando diversas fontes para construir um panorama atual da ultradireita no mundo. O momento atual presenciaria uma quarta onda, considerando as diferentes fases de crescimento da direita ao longo da história seguindo as análises do autor. Fruto de um extenso trabalho de pesquisa, a obra tem por objetivo ser referência tanto para acadêmicos quanto para leigos. Um conhecimento necessário para entender as alterações políticas atuais, suas causas, consequências e novas forças que surgem a reboque.

Palavras-chave: Ciência Política; Ultradireita; Espectros Políticos.

Abstract

The Far Right Today draws the history, cleavages and profiles of the right-wing radicalization building the current scenario of the global Far Right, in the fourth wave of right-wing movements. The book is the result of an extensive research work which aims to be a reference not only for academics but also for the general public. A necessary knowledge to understand the causes, consequences and new rising forces that come the current political changes.

Keywords: Political Science; Far Right; Political Spectrum.

Com o que se gasta ao fazer campanha nas capitais brasileiras? Um estudo sobre a disputa eleitoral de 2020

Fabio Melo MINERVINI

João Guilherme Bastos dos SANTOS

Vencedor do prêmio Stein Rokkan Prize for Comparative Social Science Research em 2008, pelo livro *Populist Radical Right Parties in Europe*, Cas Mudde retoma o tema em profundidade em seu novo livro: *The Far Right Today*. Mudde é atualmente professor da School of Public and International Affairs da Universidade da Georgia (EUA), tendo passado por instituições na Hungria, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, República Tcheca, Holanda, Eslováquia, Espanha e Suécia. A publicação apresenta similaridades com *Populism: A Very Short Introduction*, escrito em parceria com Cristobal Rovira Kaltwasser em 2017 (Universidad Diego Pontales e pesquisador no Centro de Estudios de Conflicto y Cohesión Social, ambos no Chile).

Outros pesquisadores estrangeiros se interessam pela ultradireita em seus diversos aspectos. Internacionalmente, há autores que abordam as perspectivas populistas, como Ernesto Laclau e Chantal Mouffe; outros se arriscam a delimitar os campos do espectro político, como fez Norberto Bobbio, cujo trabalho sobre a direita e a esquerda é referência fundamental; ou Michael Löwy e o estudo sobre o conservadorismo.

O livro em análise apresenta um panorama contemporâneo, resultado de mais de uma década dedicada à sua concepção e apresenta os diversos personagens, movimentos e partidos mais relevantes da ultradireita em seus respectivos países, as suas peculiaridades em cada contexto nacional e o modo como se relacionam com os meios de comunicação, seus apoiadores e adversários. O resultado, no entanto, é um livro curto, pouco acadêmico, porém capaz de introduzir o assunto de forma abrangente e bem estruturada que tem como principal missão “educar e empoderar” seus leitores, segundo o próprio autor. A obra é dividida em dez capítulos dedicados a diferentes faces da ultradireita e suas “ondas” de crescimento.

Cabe um breve panorama do conteúdo de *Far Right Today* e sua estruturação. O primeiro capítulo traz uma retrospectiva histórica das três ondas da direita europeia, contextualização necessária para o entendimento do que seria a “quarta onda” proposta por Mudde ao longo do livro. Na sequência, o autor analisa de modo sucinto e majoritariamente descritivo as seguintes faces da ultradireita, suas

subdivisões e implicações: ideologia, organização, pessoas envolvidas, atividades (respectivamente, capítulos de dois a cinco) e a questão de gênero (capítulo nove). Mobilizando os atores e organizações trabalhados nos capítulos iniciais descritos acima, Mudde inicia uma análise das causas e consequências (capítulos seis e sete), possíveis respostas à ascensão da ultradireita (capítulo oito) e um capítulo final dedicado às “doze teses” sobre a chamada “quarta onda” (capítulo dez).

Ao tratar da ideologia (capítulo dois), ganham destaque temas como imigração, segurança, corrupção, política externa e o papel da religião, abordando brevemente a dinâmica de antagonismos e seu papel na constituição da nova onda da direita. Ganham destaque questões de gênero e valorização da “família tradicional”, sendo considerada superior aos direitos individuais relacionados à autodeterminação e à reprodução. A família tradicional seria a “fundação” da nação, e, portanto, um desdobramento imediato da ascensão da ultradireita é a escalada de ataques a políticas relacionadas à autodeterminação e aos estudos de gênero (capítulo nove).

O modo como atores se organizam para influir nestes temas (capítulo três) passa por partidos políticos, organizações de mídia, intelectuais e políticas, além de movimentos sociais. Exemplos destas organizações políticas em torno de subculturas perpassam a chamada *Alt-Right*, *Hooligans*, *skinheads* além de cooperações internacionais. Embora haja transversalidade e alguns movimentos possam se enquadrar em mais de uma categoria – como a Casa Pound, englobando diferentes tipos de organização analisadas –, a maioria dos estudados por Mudde se enquadra em uma categoria só.

Uma vez definidas as diferentes organizações, o livro traz análises relacionadas aos indivíduos que participam como líderes, membros, ativistas e/ou eleitores (capítulo quatro). Em seguida, passa às atividades desenvolvidas por estes indivíduos, sejam protestos, ações violentas, campanhas eleitorais ou ações centradas em um “identitarismo de direita” (capítulo cinco). Nestas ações, o chamado “identitarismo de direita” surge como oposição ao multiculturalismo e ao que denunciam como marxismo cultural. Outros autores, como Robert Paxton e Hannah Arendt, analisam as aproximações e distanciamentos da ultradireita e o nazifascismo em seus aspectos identitários. No Brasil, o trabalho de Luciana Tatagiba sobre a relação entre partidos políticos e ativismos sociais e as dinâmicas de protestos da direita entre 2007 e 2015 são especialmente importantes para a aplicação das proposições do autor ao cenário nacional.

As causas e consequências são debatidas nos capítulos seis e sete, respectivamente, norteadas por questões como: os eleitores da ultradireita expressam rejeição aos grandes partidos ou, de fato, apoio

a pautas da ultradireita? Isso advém de insegurança econômica ou de um *backlash* cultural? Este é um fenômeno essencialmente local ou parte de um movimento global de crescimento da direita? A crescente visibilidade de lideranças de direita põe em questão o entendimento de que as organizações políticas, e não lideranças individuais, organizam a política após a Segunda Guerra?

O autor chama a atenção para a posição ambígua da mídia tradicional em relação à ultradireita, que, embora a critique duramente, também garante espaço para seus simpatizantes como colunistas e formadores de opinião, funcionando como porta-vozes e normalizando o radicalismo. Neste cenário, posições políticas consideradas minoritárias ou mesmo “patológicas” começam a ser discutidas como pontos “controversos” e “aceitáveis”. Além de permitir que defensores de políticas da ultradireita ocupem posições institucionais de poder, sejam aceitos em coalizões e mesmo formem coalizões de extrema direita, o crescimento decorrente deste cenário traz efeitos indiretos, domésticos e internacionais, explorados ao longo do capítulo sete. Longe de ser um simples espectador do crescimento da direita, partidos foram diretamente afetados, confrontando e sendo confrontados, cooptando e sendo cooptados.

O modo como os Estados respondem à ascensão de grupos antidemocráticos pode ser localizado entre dois extremos: o modelo estadunidense, mobilizando a primeira emenda da Constituição mesmo quando ativistas apoiam o autoritarismo genocida; e o modelo alemão, em que a democracia define limites à tolerância de modo a evitar que o extremismo a instrumentalize para chegar ao poder e restringir liberdades democráticas. A sociedade civil, os partidos e outras instâncias do Estado compõem uma tríade de respostas possíveis para confrontar o crescimento da ultradireita. Sua efetividade, no entanto, continua questionável. Esta tríade é analisada no capítulo oito.

Os nove capítulos anteriores descrevem o contexto e os atores necessários à compreensão das chamadas “doze teses sobre a quarta onda” elaboradas pelo autor em seu décimo capítulo. A própria ideia de “quarta onda” só ganha sentido dentro da proposta de conexão com três ondas da direita europeia. Em resumo, as teses enfatizam:

- a heterogeneidade extrema destes grupos;
- a relação da direita populista com meios *mainstream* a despeito da relativa marginalização da extrema direita;
- o fato de esta onda da direita populista não se limitar a partidos de direita populistas;

- a nebulosidade das fronteiras que separam grupos populistas e extremistas dos demais partidos e organizações da sociedade;
- a crescente normalização da direita populista;
- a diferenciação entre extrema direita e direita populista radical como algo similar à diferença entre “patologia normal”, ou seja, um fenômeno pré-moderno, desconectado ideologicamente da democracia moderna e apoiado por uma pequena minoria, e normalidade patológica, uma interpretação radical de valores do senso comum apoiada por grupos grandes e plurais, minoritários ou algumas vezes majoritários respectivamente;
- o crescimento da direita populista radical possui mais ligações com dissonância do que com realinhamento;
- a ultradireita é um fenômeno com gênero (*gendered*), simultaneamente idealizando e hostilizando mulheres e defendendo a predominância masculina. A apropriação destas questões é seletiva, mobilizando a ideia de vulnerabilidade feminina ou necessidade de igualdade entre gêneros para atacar normas islâmicas, por exemplo;
- atualmente, nenhuma comunidade está imune a políticas de ultradireita;
- o fato de esta onda trazer atores que continuarão na arena política por um bom tempo;
- a inexistência de um modo unívoco (ou “melhor”) para resolver a questão da ascensão da ultradireita;
- por fim, a necessidade de fortalecermos a democracia liberal em resposta a este cenário.

De maneira geral, as doze teses apresentadas por Cas Mudde ao longo do livro, apesar do caráter predominantemente eurocêntrico e estadunidense, se aplicam, com algumas adaptações, a cenários fora deste eixo e estimulam o confronto desses padrões com realidades nacionais específicas e trajetórias históricas do conservadorismo e da direita política em cada país. No Brasil, trabalhos sobre o conservadorismo de elite como os de Jessé Souza e históricos como os de Álvaro Bianchi são referências inescapáveis para essa articulação, assim como os trabalhos relacionados à direita política levados a cabo por Leonardo Avritzer, André Singer e Marco Nobre.

O livro cumpre bem a função proposta pelo autor ao ser uma obra introdutória, com amplo panorama sobre o tema e um ponto de partida para futuras investigações em outros contextos nacionais, principalmente no debate sobre a gênese da nova direita no Brasil proposto por Camila Rocha, sob a

perspectiva da ciência política e suas redes e por Esther Solano e Rosana Pinheiro-Machado, sob uma perspectiva antropológica.

Não obstante o foco no cenário europeu, o grande mérito do livro talvez seja chamar a atenção para a reprodução global da ultradireita e se propor o desafio de encontrar consensos mínimos que auxiliem na luta por agendas políticas que sejam úteis em qualquer contexto. O autor acerta ao finalizar o livro com uma frase essencial que nos escapa diante da complexidade que o desafio da ultradireita apresenta: “Apenas se acreditarmos na democracia liberal poderemos defendê-la.”

Referências Bibliográficas

MUDDE, C. *The Far Right Today*. Polity Press, 2019.

MUDDE, Cas.; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. *Populism: A Very Short Introduction*. Oxford Academic Press, 2017.

Sobre os Autores

Fabio Melo Minervini – Mestre em História, Política e Bens Culturais (CPDOC-FGV) e doutorando em História Social no Programa de Pós-Graduação da FFLCH-USP. E-mail: minervini@usp.br

João Guilherme Bastos dos Santos – Analista de dados da Rooted in Trust 2.0/Internews e Pesquisador INCT.DD.santos.jgb@gmail.com

Data de submissão: 11/01/2022

Data de aprovação: 14/04/2022